A emigração é um fenómeno recorrente na história de Portugal. Em todos os tempos, os portugueses saíram do país em busca de aventura, de melhores condições de vida e de trabalho, o que levou o Estado Novo a considerar a emigração como "um fenómeno natural, um histórico mal necessário", mas que devia ser controlado, não podendo, em caso algum, ser fomentado.

Constitui, igualmente, um tema muito analisado na historiografia portuguesa, sobretudo, a emigração masculina, inquestionavelmente a predominante. Este livro desenvolve um aspecto menos conhecido do fenómeno migratório: a emigração feminina, em especial, a que foi efectuada por mulheres do concelho da Figueira da Foz, entre 1960 e 1975, para França, o seu principal local de destino. Por oposição à emigração masculina destas décadas, a feminina caracteriza-se, essencialmente, por ter sido feita de uma forma legal, ao abrigo do reagrupamento familiar, bem como pela sua planificação e organização. Como esposas, filhas ou mães, as emigrantes raramente saíam do país desacompanhadas. A chegada a França representou para muitas uma desilusão, dado o contraste com a imagem veiculada de que o "dinheiro caía das árvores", ou seja, acreditava-se que se podia ganhar muito dinheiro rapidamente e com pouco esforço. A realidade com que se confrontaram foi bem mais difícil do que a prevista. Nos primeiros tempos, as emigrantes figueirenses tiveram piores condições de vida do que aquelas de que usufruíam na sua localidade de origem.

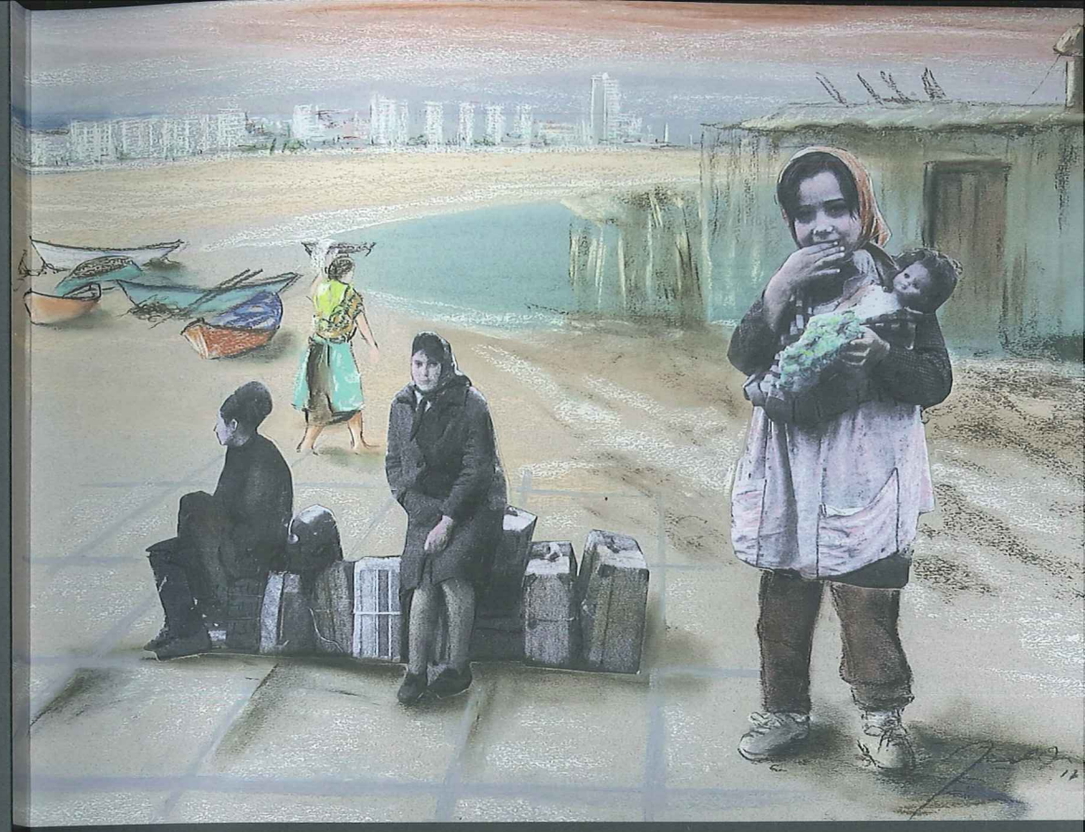
Conhecer as emigrantes da Figueira da Foz, os seus quotidianos e modos de vida, as razões que as levaram para longe mas também a sua progressiva adaptação ao país de acolhimento é o objectivo deste estudo, o qual constitui também uma forma de homenagear todas as mulheres figueirenses que tiveram a coragem de partir...

ISBN: 978-989-8710-20-8
9 789898 710208

casino figueira

MÉLANIE CATHERINE CALLEGARI RODRIGUES

Emigração feminina do concelho da Figueira da Foz com destino a França (1960-1975)



MÉLANIE CATHERINE CALLEGARI RODRIGUES

Emigração feminina do concelho da Figueira da Foz com destino a França

(1960-1975)

Prefácio

Sobre o universo da emigração no feminino ou *estórias* de mulheres que recusaram o destino de Penélope...

Durante o período do Estado Novo saíram de Portugal mais de dois milhões de emigrantes. O maior número de saídas registou-se na década de 1960, sobretudo a partir da entrada do nosso país na EFTA, em 1961, e da celebração de acordos bilaterais com a França, a Holanda e a República Federal da Alemanha para o fornecimento de mão-de-obra nacional. A necessidade de reconstrução de uma Europa devastada pela 2ª Grande Guerra criou novas possibilidades de trabalho e incentivou ciclos migratórios que durarão até à crise petrolífera dos anos 1970, iniciando-se, a partir daí, uma fase de recessão económica e de políticas restritivas relativamente à imigração. São sobretudo homens, em idade ativa, aqueles que emigram, 25% dos quais ilegalmente, atravessando as fronteiras "a salto", como então se dizia. Pouco a pouco vão saindo as mulheres, pela via da carta de chamada, ao abrigo de um movimento de reunificação familiar que aumenta o peso da componente feminina na emigração intraeuropeia.

É precisamente sobre este lado menos conhecido e estudado do fenómeno migratório – a feminização das migrações internacionais – que o livro de Mélanie Catherine Callegari Rodrigues trata, o qual reproduz, com ligeiras alterações, a sua dissertação de mestrado em História, especialidade de História Contemporânea: Economia, Sociedade e Relações Internacionais, defendida no ano de 2011, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Subordinada ao título *A emigração feminina do concelho da Figueira da Foz com destino a França (1960-1975)*, a obra analisa a participação das

figueirenses na diáspora de Portugal no mundo, particularmente em França, país que acolheu cerca de metade das emigrantes legais do concelho entre 1960 e 1975.

A escolha pela autora desta temática como objeto de pesquisa da dissertação de mestrado não foi arbitrária. Diz-se que "o acaso favorece os espíritos preparados" e, assim, parece ter acontecido. Filha e neta de emigrantes em França (pai português, mãe italiana), ela própria oscilando entre dois países, duas línguas e duas culturas, são-lhe familiares os fenómenos da emigração, da aculturação e da integração. Abordar o tema, em termos científicos, foi uma forma de ir ao encontro do seu (nosso) passado, de render tributo ao concelho de origem dos seus antepassados paternos – a Figueira da Foz – e de prestar homenagem a todas as mulheres que, dolorosa e corajosamente, enfrentaram o exílio voluntário, reconstituído a partir de memórias que pacientemente recolheu. Para que o rastro das experiências migratórias singulares de Maria Luísa, de Deolinda, de Rosa Maria, de Maria Gil, de Fernanda Maria e de tantas outras se não perdesse, foi um dos seus objetivos, como confidenciou.

Definido o objeto de estudo, deu-se início à pesquisa no Arquivo Histórico Municipal da Figueira da Foz tendo como fonte base os "boletins de informação" da Junta Nacional de Emigração (1947-1970), instituição governamental responsável pela coordenação do processo migratório. A natureza policial e fiscalizadora deste organismo do Estado, condicionante de um controlo rigoroso das saídas dos emigrantes, impunha pesadas exigências administrativas a quem pretendia sair de Portugal. Estas estão bem espelhadas no formulário questionador desse documento-chave do processo migratório, os "boletins de informação", inquirindo-se sobre múltiplos aspetos da vida dos requerentes, averiguando-se da sua idoneidade e validando a sua capacidade de empreendimento. O controlo sobre as mulheres era ainda mais pesado, encarando-se a emigração feminina como uma potencial ameaça para a quebra das remessas dos emigrantes, de gravoso impacto financeiro na economia nacional. Convinha ao Estado a manutenção dos laços materiais e emocionais com o país de origem, pela via feminina e familiar.

Para além dessa fonte-base, fundamental a quem se pretenda aventurar ao estudo do *mare magnum* da emigração, Mélanie Catherine Callegari Rodrigues socorreu-se de outro tipo de registos, entre os quais, a imprensa

periódica figueirense e, como já se referiu, testemunhos orais de mulheres figueirenses que experienciaram a grande vaga da emigração dos anos 1960, procurando em França uma solução de sobrevivência económica para si e para os seus. Trata-se de uma fonte que enriqueceu, de sobremaneira, a pesquisa, permitindo passar do geral ao particular, incorporar a memória na história da emigração e partilhar sentimentos e vivências reais, com a particularidade adicional de serem relatos no feminino, pouco comuns, já que os testemunhos da emigração das décadas de 1960 e 1970 são essencialmente viris.

A autora estrutura a obra em cinco grandes capítulos, antecedidos por uma breve introdução. Remata-a a conclusão, a listagem da bibliografia consultada e um conjunto de anexos, constituído, em grande parte, por quadros recapitulativos, reproduções de documentos diversos e algumas fotografias do consagrado fotógrafo Gérald Bloncourt que magistralmente registou a precariedade existencial de emigrantes portugueses nos bairros de lata dos arredores de Paris.

Se, nos dois primeiros capítulos, procede à reflexão teórica, análise e caracterização do processo migratório, no período considerado, no terceiro capítulo debruça-se, em profundidade, sobre o contexto económico e laboral do concelho da Figueira da Foz de forma a detetar as razões que despoletaram a partida. Trata-se de um levantamento circunstanciado das atividades económicas do concelho, distinguindo entre as tradicionais e as mais recentes, vincadamente industriais, identificando fábricas, empresas, oficinas, concluindo pela existência de "várias limitações ao desenvolvimento económico da cidade" e pelo peso significativo do subemprego no universo laboral.

No quarto e quinto capítulos centra-se na emigração feminina figueirense. O levantamento individual dos processos de emigração permitiu-lhe desenhar o *retrato* demográfico e socioprofissional da emigrante-tipo, conhecer os motivos que determinaram a decisão de partir, o modo como o fizeram e estabelecer diferenças relativamente à emigração masculina.

A viagem até França, clandestinamente ou a coberto da lei, é reconstituída ao pormenor, evocando-se, a partir do relato das emigrantes, uma outra face da história, menos visível, mas profundamente traumática para quem a protagonizou. Nos testemunhos estão bem refletidas as solida-

riedades vicinais e familiares, as redes de cumplicidades, ou, no caso de emigração clandestina, a passagem da fronteira a pé, as deslocações pelo campo na escuridão da noite, o medo da "guardia civil", a interminável mudança de comboio em Hendaya... O pior momento da viagem era, no entanto, à chegada a França, o estilhaçar das ilusões perante as condições precárias e a falta de higiene dos alojamentos, "buracos" na terminologia de quem residiu no *bidonville* de má memória de Champigy-sur-Marne, nos arredores de Paris, muito abaixo das expectativas de quem partiu "para ter uma vida melhor".

Com sensibilidade e emoção, Mélanie Catherine Callegari Rodrigues resgata as alegrias e as dificuldades quotidianas do processo de adaptação e de integração nos lugares de destino, a incorporação no mercado de trabalho, principalmente em setores do serviço doméstico, mas também a forma como a chegada das mulheres influenciou a estratégia ocupacional e residencial do respetivo agregado familiar, em particular quando assumiam as funções de porteiras, passando a dispor de habitação.

Uma breve conclusão remata a obra, sintetizando alguns dos aspetos desenvolvidos nos capítulos anteriores, mas pondo, sobretudo, em evidência a mudança registada no processo de inserção em terras francesas: às dificuldades iniciais sucede um certo apaziguamento, instaurando-se um tempo novo, virado para o futuro. Ao inverso de Penélope, figura da mitologia grega que esperou anos a fio pela chegada do seu marido Ulisses, as emigrantes figueirenses agarraram com as duas mãos no seu destino e partiram em busca de um "mundo melhor"...

Em suma: um livro denso de informação, assente em escolhas criteriosas, de leitura agradável, com objetivos claramente alcançados, a ler com prazer e proveito. Este abre numerosas pistas de reflexão pelos problemas que levanta, pelas respostas que dá, mas também por aquelas que deixa em aberto. Sem dúvida alguma que o conhecimento histórico sobre a emigração feminina, as questões de género no contexto migratório, em geral, e sobre a história da Figueira da Foz no século XX, em particular, se fortaleceram com este estudo.

Uma palavra também de sincero agradecimento aos Srs. Drs. Domingos Silva e Fernando de Matos, anterior e atual Diretores do Casino da Figueira: ao primeiro pela decisão da publicação deste trabalho académico; ao segundo, por a ter concretizado. Do empenhamento de ambos na divulgação da história, da cultura e do património figueirenses, todos somos devedores. Como orientadora científica deste trabalho só posso regozijar-me, ciente de que a avaliação final compete agora ao público leitor...

Coimbra, 4 de Abril de 2017

Irene Vaquinhas
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra /
Centro de História da Sociedade e da Cultura